

Filipa Freitas  
*Universidade de Lisboa*  
*filipasf2@gmail.com*

## ***Encarnação e Ressurreição de Cristo: duplicação de um modelo textual***

### **Resumo:**

Há na Biblioteca Pública de Évora um manuscrito, datável do século XVII, com dois textos dramáticos de tema religioso, inscritos na atividade pedagógica dos jesuítas. Apresentam semelhanças formais abundantes (com grande percentagem de texto comum), destacando-se as diferenças pragmáticas resultantes das festividades para que foram compostos ou adaptados. O cotejo terá em conta as características extratextuais de cada um e a progressiva distância que entre eles se instala, da simples variante textual à (re)escrita. A análise esclarecerá algumas circunstâncias da sua composição e representação, no contexto do ensino jesuítico.

**Palavras-chave:** teatro, jesuíta, século XVII, português, cristianismo.

### **Abstract:**

#### ***Incarnation and Resurrection of Christ: duplicating a textual model***

There is a manuscript of the 17th century, at Biblioteca Pública de Évora, which has two religious texts related to the pedagogical activity of the Jesuits. These texts present a large number of identical fragments, despite the existence of pragmatic differences originated by the festivities for which they were composed.

The comparison between them will establish the extra-textual characteristics of each and the progressive distance among them, from the simple textual variant to the rewriting process. This article will clarify the circumstances of the composition and performance of the texts, in the context of jesuitic teaching.

**Keywords:** theatre, jesuitic, 17th century, Portuguese, Christianity.

O teatro dos jesuítas em Portugal é uma área de estudo em expansão. Se Frèches se destacou na década de 60 do século XX com o seu estudo sobre o teatro neolatino, só mais recentemente se multiplicam outras análises do universo teatral jesuítico, não só de peças em latim mas também em português. É inegável, pelo que sabemos, que o teatro representou, especialmente nos colégios da Companhia, um papel fundamental na pedagogia jesuítica. É certo que o manual de ensino dos jesuítas, conhecido por *Ratio Studiorum*, apenas apresenta uma alínea, nas regras do Reitor, sobre a composição dramática e subsequente representação, indicando: “Tragoediarum, & Comoediarum, quas non nisi latinas, ac rarissimas esse oportet, argumentum sacrum sit, ac pium, neq; quicquam actibus interponatur, quod non latinum sit, & decorum; nec persona ulla muliebris, vel habitus introducatur”<sup>1</sup>. Para além deste, outros testemunhos, designadamente manuscritos encontrados e publicados com peças dos séculos XVI ou XVII, correspondência entre os padres dos colégios com descrição das festas e respetivos exercícios cénicos, e os consequentes estudos que daqui derivaram, validam a importância do teatro jesuítico. Segundo Leonel França, na introdução da sua edição do *Ratio*, “o teatro escolar revestia as formas mais variadas, desde os simples diálogos até às tragédias de grande estilo, passando pela comédia e entremeses, pelo drama litúrgico, pelos autos e representações de mistérios” [França, 1952: 73].

---

<sup>1</sup> “Tragédias e comédias: o assunto das tragédias e comédias, que convém sejam raras e só em língua latina, deve ser sagrado e piedoso; nada deve haver nos entreatos que não seja em latim e conveniente; personagens e hábitos femininos são proibidos”.

A história dos Jesuítas em Portugal e a sua importância como modeladores educativos é evidente na conhecida profusão de colégios de ensino médio coordenados pela Companhia, mas a sua ação extravasa este âmbito, como se depreende da expansão missionária dos seus padres. A este propósito, basta lembrar a vasta composição do padre José de Anchieta, missionário no Brasil, que foi um poderoso instrumento de educação. Segundo Anna Kalewska, “Do ponto de vista dramático, os autos de Anchieta, para lá da originalidade e força criacional, têm o valor extraordinário da sua profunda penetração no meio social e cultural dos índios e colonos” [Kalewska, 2007: 178-179].

Mas não era apenas no Brasil e em Portugal que os padres utilizavam a técnica da representação como instrumento pedagógico. O mesmo sucedia, por exemplo, no Japão, no século XVI, como Aníbal Pinto Castro afirma, com base na correspondência dos padres da Companhia: “O teatro não foi desaproveitado. A liturgia própria dos dois grandes núcleos do temporal, o Natal e a Páscoa, enriquecia-se, como nos mosteiros e catedrais da Europa medieval, de curtas mas expressivas manifestações dramáticas” [Pinto de Castro, 1991: 181].

Alguns estudiosos contemporâneos dedicam-se à análise dos elementos que compunham as práticas dramáticas dos jesuítas e fornecem informações essenciais para a sua compreensão, nomeadamente Margarida Miranda, que se destaca na descrição da teatralidade inerente aos exercícios escolares dos colégios, indicando:

(...) a representação teatral ocorria durante uma festa pública que abria as portas do colégio e que pretendia promover a aceitação dos religiosos na cidade (...). Sendo a língua principal a latina, a representação escolar era muito mais do que a realização cénica da palavra. Era acima de tudo espectáculo, um espectáculo dirigido quer aos sentidos do corpo (de forma a criar as mais vivas sensações), quer aos do espírito, isto é, à exaltação das emoções e moção das paixões [Miranda, 2006: 393].

Estas análises permitem reconstruir o contexto do espetáculo no seio do ensino jesuítico, para o que espero venha a contribuir, também, a recente descoberta, em Portugal, na Biblioteca Pública de

Évora, de um volume que contém um manuscrito com dois textos dramáticos em português<sup>2</sup>. O primeiro não tem título, mas antecede ao texto algumas informações importantes para contextualizar a sua composição: a indicação da cidade de “Faro”, seguida por “Colégio” e por uma data – 1672. Encontra-se, ainda, a insígnia da Companhia, – Jesus, Maria, José – e, por fim, a inscrição “À Senhora da Encarnação”, que pode ser apenas uma epígrafe dedicatória ou remeter para uma festa religiosa, festejada em setembro. O segundo não contém nenhuma informação prévia ao texto, mas apresenta um título: *A Ressurreição de Cristo*. Sabemos que o Colégio de Faro é fundado em 1599, pelo bispo do Algarve, Fernando Martins Mascarenhas, mas só a partir de 1606 se institui como colégio jesuíta, funcionando até à expulsão da Companhia de Jesus em 1759.

Não encontramos, até agora, informações externas que possam confirmar se estes textos foram representados. Todavia, uma primeira leitura imediatamente revela a semelhança entre eles, com uma elevadíssima percentagem de texto comum, num paralelismo textual que incita à sua comparação, de modo a perceber a extensão do fenómeno de acomodação textual, e, através do cotejo, o cuidado na elaboração escrita e nos possíveis efeitos cénicos.

Assim, importa já indicar que o primeiro texto incide sobre a Encarnação de Cristo e o segundo sobre a sua Ressurreição, apresentando as mesmas personagens, com idêntica ordem de entrada: Anjo, Querubim, Serafim, Potestade, Trono, Fortaleza, Morte, Diabo, Alma. Excetua-se o Rei Herodes na *Encarnação*, substituído, na *Ressurreição*, por um soldado; e a personagem Glória, acompanhada por espíritos celestes, presentes apenas na *Ressurreição*, que intensificam o aparato textual. A substituição de Herodes pelo soldado é compreensível, se tivermos em conta, para além do seu carácter histórico, o facto de ser aquele que ordena a morte dos recém-nascidos na perseguição do messias anunciado, ao passo que o soldado guarda o túmulo de Cristo.

---

<sup>2</sup> Esta descoberta insere-se no projecto *Teatro Português do século XVII*, financiado pela FCT (PTDC/CLE-LLI/122193/2010).

Na *Encarnação*, há três momentos principais que constituem o enredo: o anúncio, que o Anjo faz, do futuro nascimento de Jesus e da sua missão de redentor do pecado humano; a prisão da Morte e do Diabo pelo Anjo, incapacitando-os de auxiliarem Herodes no seu intento homicida; e a salvação da Alma que, imbuída da fé em Cristo e da moralidade purificadora que oferece aos homens, derrota a Morte com uma lança.

Na *Ressurreição*, o enredo assinala a Ascensão de Cristo ressuscitado. Os três episódios anteriores estão presentes e são muito semelhantes aos da *Encarnação*. Todavia, o discurso difere de acordo com o novo contexto em causa.

Atentemos agora nos textos e, primeiramente, nas didascálias, cujas diferenças podem assinalar com maior veemência a pretensão de espetáculo, através da descrição de efeitos cénicos:

| <i>Encarnação</i>   | <i>Ressurreição</i>  |
|---|--|
| Sai o Anjo Custódio da terra.   | Sai o Anjo Custódio da terra.  |
|   | Vai-se.<br>Corre-se ãa cortina e aparece a Glória com os spíritos celestes no trono. |
| Sai um Querubim que guarda o Paraíso com ãa espada de fogo.               | Sai um Querubim e diz:   |
| Vai-se.   | Vai-se.  |
|   | Senta-se com os mais no Trono.   |
| Sai o Anjo da terra com ãas cadeas na mão e lançando-as no teatro o diz.  | Sai o Anjo da terra com as cadeas na mão e lança-as no teatro e diz.                 |
|   | ([ <i>Morte</i> ] cairá no teatro)   |
| Vai para lhe dar com a fouce. Anjo da terra tomando-lhe das mãos a fouce: | Anjo da terra toma-lhe a fouce.  |
| Vai-se.   | Vai-se.  |

| <i>Encarnação</i>                            | <i>Ressurreição</i>                           |
|--|---|
| Sai o Anjo e vai bater às portas do Inferno. | Anjo bate à porta do Inferno.                 |
| Aqui bate.                                   | Aqui bate.                                    |
| Diabo diz do Inferno:                        |   |
|  | Anjo toma a cadea.                            |
| Vai-se.                                      | Vai-se.                                       |
| Sai o Anjo custódio da Alma.                 | Sai o Anjo custódio da Alma.                  |
|  | (lançam-se [ <i>boninas</i> ])                |
|  | (dá-lhe a lança)                              |
| (Dá-lhe)                                     | (dá-lhe com a lança [ <i>na Morte</i> ])      |
|  | Soldado sai e diz:                            |
| Foge.  | Foge o soldado.                               |
| Dá-lhe.                                      | Dá-lhe com a lança.<br>Anjo dá-lhe uma palma. |

Quanto à quantidade, é a segunda versão que contém mais didascálias, numa proporção de 20 para 14. Esta superioridade numérica pode indiciar uma maior preparação cénica, apesar de encontrarmos, em ambos os testemunhos, exemplos pertinentes. Contudo, não se pode negar que a *Ressurreição* apresenta claramente algumas didascálias orientadas para representação, como sucede com a referência à cortina e subsequente aparecimento de novas personagens, ou com a intenção de se lançarem flores; pelo contrário, a terceira didascália, que explicita a espada de fogo na *Encarnação*, não é mencionada na *Ressurreição*, pois trata-se de uma caracterização imediatamente atribuída à personagem e de conhecimento geral. A quinta didascália da *Encarnação* também clarifica as circunstâncias da ação da

personagem, menos evidente na *Ressurreição*, acrescentando o movimento de ataque com a foice. Em sentido oposto temos, na última, a didascália sobre a queda da Morte, que dramatiza a ação, e aquela que finaliza o texto com o oferecimento de uma palma, prêmio da glória. Ambas estão ausentes da *Encarnação*. Daqui podemos deduzir, então, que, ao nível das didascálias, a *Ressurreição* é o testemunho que contém mais indícios sobre o aparato cénico de uma possível representação.

Deste modo, a encenação parece ser o intento do autor. Para esta hipótese, contribuem, por um lado, as didascálias e, por outro, a complexidade da composição dramática. Segundo Miranda,

(...) as representações podiam ser de dois géneros: representações de breves ações, em classe, ou de dramas mais longos, rodeados de grande aparato e solenidade, a assinalar os dias festivos. As primeiras consistiam na dramatização das próprias composições dos alunos (...), sem mais encenação do que a divisão de papéis (...). Cada ano os estudantes apresentavam pelo menos uma tragédia ou uma comédia, composta pelo professor de Retórica para os melhores alunos representarem [Miranda, 1996: 249].

Assim, podemos supor que os dois textos estivessem previstos para representação em épocas festivas: no primeiro, a festa de Nossa Senhora da Encarnação e, no segundo, a Páscoa.

Para compreendermos a estrutura textual em causa, cumpre agora comparar os textos. Apontamos, primeiramente, o facto de a *Encarnação* ser maioritariamente em verso, ao passo que a *Ressurreição* é predominantemente em prosa. Em segundo lugar, o facto de encontrarmos uma nítida transposição textual entre os testemunhos, revelada pela semelhança ou mesmo coincidência do texto; em terceiro, a clara e necessária acomodação do conteúdo; e, por fim, fragmentos exclusivos sem correspondente na versão paralela.

Para além da evidente composição formal, em verso ou prosa, em relação à transposição textual, basta observarmos a fala inicial do Anjo:

| <i><b>Encarnação</b></i>   | <i><b>Ressurreição</b></i>   |
|--|--|
| <p>[Anjo:] Alto descuido ocupa no firmamento, <u>no desejo de um bem apetecido</u>, que quanto maior <u>é</u> o sofrimento de um largo esperar, tanto é dividido dobrar-se em <u>maior</u> contentamento o <u>bem</u> de um <u>grande</u> gosto possuído. E a <u>terra</u>, a quem seu bem renasce agora, cala como se o gosto seu não fora, mas vem sempre tardia e vagarosa das venturas a nova a quem a espera e pode ser que nova tão ditosa, de <u>querer renovar-se</u> a primavera, <u>não descesse ainda</u> da luminosa e sobre os ares remontada esfera. Eu <u>a dar esta nova à terra</u> passo que encobrir bens só cabe em peito escasso.</p> | <p>[Anjo:] Alto descuido ocupa no firmamento, <u>na posse de um desejo conseguido</u>, que quanto maior <u>foi</u> o sofrimento de um largo esperar, tanto é devido dobrar-se em <u>gentil</u> contentamento o <u>logro</u> de um gosto possuído. E o <u>céu</u>, a quem seu bem renasce agora, cala como se o gosto seu não fora, mas vem sempre tardia e vagarosa das venturas a nova a quem a espera e pode ser que nova tão ditosa, de <u>se haver renovado</u> a primavera, <u>ainda não chegasse</u> à luminosa e sobre os ares remontada esfera. Eu <u>de tal nova a dar-lhes conta</u> passo que encobrir bens só cabe em peito escasso.</p> |

As diferenças entre os testemunhos, assinaladas, mostram o processo de reescrita em causa, através do aproveitamento textual de uma das versões (não podemos discernir qual teria sido a primeira) para a outra e da modificação parcial do texto, de modo a manter a narração coerente com a finalidade pretendida. Neste sentido, é claro, por exemplo, o motivo da referência à terra, na primeira versão, uma vez que se trata do anúncio do nascimento de Jesus e, na segunda, ao céu, onde será a sua morada após a Ascensão. Outras mudanças textuais parecem mais comuns e testemunham, essencialmente, o gosto literário e retórico do seu autor, que aparenta, nesta sensibilidade textual, procurar o aperfeiçoamento linguístico. Aliás, não nos esqueçamos do que Miranda indicava a propósito das grandes composições dramáticas e do seu fito educativo, pois o domínio da língua e dos recursos estilísticos constituía o seu objetivo, através do qual os alunos assimilavam modelos para as suas futuras elaborações.



Um segundo exemplo desta prática de afinação textual encontra-se numa das falas do Querubim. Os testemunhos contêm o mesmo texto, destacando-se as modificações relativas, na *Encarnação*, à vida futura de Cristo e à sua crucificação e, na *Ressurreição*, a mesma mensagem, em tempo passado. Nota-se, também, para além de uma reescrita de palavras ou expressões que sugerem o gosto autoral, a necessidade de frisar a mensagem, como sucede, designadamente, na frase “quebrar-lhe o homem seus preceitos, depois de lhe dar alentos novos”, com correspondente em “dar-lhe a terra tantos tormentos”. Neste caso, não se trata de uma questão estilística, mas no desejo de acentuar ideias, uma centrada na desobediência e decadência humana mesmo perante o verbo divino e a outra na ingratidão do Homem, que escolheu a morte de Cristo.

Estes dois exemplos são suficientes para mostrar que, de facto, encontramos, ao longo das peças, uma base textual comum. Contudo, a leitura dos mesmos também evidencia parcelas de texto que são claramente autónomas e pertencentes apenas a um dos testemunhos. Com este processo, é possível, ao autor, construir, a partir do mesmo substrato, duas histórias diferentes. Atentaremos agora nas diferenças textuais, assinalando a sua pertinência para o desenvolvimento ou complexificação do episódio em causa.

A comparação das versões revela que é na *Encarnação* que se encontra mais texto exclusivo. O primeiro exemplo ocorre na fala inicial do Querubim, que contém uma parte equivalente entre os dois textos, intercalada ou seguida de fragmentos originais:

| <i>Encarnação</i>   | <i>Ressurreição</i>   |
|---|---|
| Querubim: Sumamente agradecidos vos ficaram os mundanos pela embaxada tão alegre e para eles tão gostosa quanto foi mais desejada, porque ainda que seguros de sua certeza, | Querubim: Sumamente agradecidos vos ficamos e todo o céu pela embaxada tão alegre e para nós tão gostosa quanto foi mais desejada, porque ainda que seguros de sua certeza, |

| <i>Encarnação</i>  | <i>Ressurreição</i>  |
|--|--|
| <p><u>pois não podia faltar a palavra divina com que lhe prometeu o vestir-se da natureza humana para remédio da culpa</u>, contudo foi matéria para grandes suspiros a dilação de tantos anos que não foram espaço breve, mas na duração quasi ãa eternidade.</p> <p>Porém eu, em nome dos moradores do céu, venho com embargos ao decreto, pois não merece este favor o mundo por se mostrar o homem tão ingrato que, metendo-lhe nas mãos um paraíso, só por fazer a ãa molher o gosto, veio aquebrantar o preceito e assim não merece a terra sua assistência por faltar com o respeito à sua pessoa.</p> <p><u>Antes pudera com pena merecida por essa culpa sua a mesma vida, que para castigar esse delito se lhe deixou a morte por escrito: morte morríeis.</u></p> <p><u>E tenho o paraíso a meu cuidado que ele veio a perder per seu pecado, onde não entrará de nenhum modo porque o defenderei a ferro e fogo.</u></p> | <p>contudo foi matéria para grandes ânsias a dilação de tais dias que não foram para nós espaço breve, mas na duração ãa eternidade.</p> <p><u>É tempo, spíritos soberanos, de que à competência preparemos o lugar a nosso rei, que vitorioso se recolhe a seu reino, rico dos despojos que ganhou no discurso de trinta e três anos na conquista dos corações, fazendo guerra ao mundo e ao inferno.</u></p> |

A *Encarnação* apresenta uma narração mais longa: a) a promessa divina na salvação do Homem, através da encarnação e crucificação de Cristo, que permitirá a expiação da culpa; e b) a oposição do Querubim a este perdão, pois a ingratidão humana que originou a expulsão do Paraíso não pode ser redimida. A fala da personagem termina em verso, e remete para o castigo divino – a morte –, acentuando, no final, a sua revolta. Mas se este discurso elaborado acentua a dramaticidade do episódio, a *Ressurreição* tem maior leveza,

inovando apenas na alegria do Querubim quando alude à futura ascensão de Cristo, que terá lugar após a sua presença no mundo durante 33 anos.

Um segundo caso de texto novo surge na *Ressurreição*, que visa sobretudo a exortação do Querubim aos moradores do céu para que se apressem a preparar a receção de Jesus, feita por toda a hierarquia dos Anjos; na *Encarnação*, a novidade encontra-se na fala posterior do Anjo, que insiste na benevolência que se deve ao Homem e na legitimidade da sua salvação, tendo em conta a sua origem divina.

Ainda na *Ressurreição*, apontamos a alusão a diversos episódios bíblicos: a obra dos apóstolos na terra como mensageiros de Cristo, responsáveis pela conversão cristã; a incredulidade de Tomé, narrada nas epístolas de São João; e o aparecimento de Jesus a Maria Madalena e à Virgem Maria, ausentes na *Encarnação*. Nesta, encontramos, ao longo de várias falas, citações latinas também enraizadas em algumas descrições do Antigo e do Novo Testamento, especialmente de Mateus, Lucas e Malaquias. As mensagens assinaladas versam sobre a justiça e onipotência divina, e a conceção e nascimento de Jesus. Este uso da língua latina, num texto português, parece sugerir maior preocupação com a construção literária, assim como com o objetivo pedagógico inerente, se atentarmos que o latim deteve sempre um papel primordial no ensino da Companhia.

É importante indicar, ainda, na primeira peça, o facto de a última citação latina, de Ezequiel, poder ser interpretada como uma didascália, e não como parte da fala anterior do Querubim: “Et apparui in Cherubim similitudo manus hominis”<sup>3</sup>. A ser considerada, esta hipótese daria novamente conta da complexidade dos espetáculos ao nível dos efeitos cénicos.

Texto novo está presente, ainda, na personagem Morte, acorrentada pelo Anjo, em companhia do Diabo. A derrota da Morte está mais acentuada na *Encarnação*, assumindo-se engenhosamente como

---

<sup>3</sup> “E apareceu nos querubins uma semelhança de mão de homem, debaixo das suas asas”.

serva de Deus<sup>4</sup>, ao passo que na *Ressurreição*, pelo contrário, a simplificação discursiva conduz à perda da emotividade<sup>5</sup>. Rendida a Morte ao poder divino, na *Encarnação* ainda se frisa a subjugação do Diabo, que também admite estar vencido e suplica por piedade.

Por fim, é de apontar a fala final da Alma: é mais uma vez na *Encarnação* que o texto é mais complexo, acabando com uma longa e singular exortação ao Homem para que confie em Deus e à Virgem Maria, elogiada como o veículo através do qual nasceu Cristo. É necessário relembrar a epígrafe inicial deste texto – “À Nossa Senhora da Encarnação” –, que justifica esta exortação final. Na *Ressurreição* a oração, mais pequena, é dirigida exclusivamente a Deus e à sua completa vitória.

Em resumo, esta curta análise dos dois textos permite constatar que há, por um lado, uma aproximação entre eles, que partilham uma parte significativa de texto e, por conseguinte, provêm do mesmo modelo; por outro, que o autor pretendeu estabelecer duas versões e adequar o conteúdo de cada uma ao seu contexto, exacerbando as mensagens mais pertinentes, através de fragmentos textuais únicos, de referências latinas e de contínuas remissões bíblicas. De salientar, também, é o cuidado com a elaboração textual, visível nas escolhas linguísticas e nos recursos estilísticos usados em cada um. Por fim, embora não possamos confirmar se algum dos textos foi representado, a sua comparação, especialmente das didascálias, revela que o autor teria em mente a sua encenação.

Os elementos recolhidos não permitem determinar a cronologia da composição das versões, mas permitem, contudo, chamar a atenção para o facto de a *Encarnação* abranger maior número de características relevantes: a versificação, as citações, o texto exclusivo, para além dos elementos externos que também são importantes e que antecedem o texto, previamente mencionados. Deste modo, se é certo

---

<sup>4</sup> “E assim não dirás que de atrevida,/como costume ser com a mais gente,/hei de tirar a um Deos a mesma vida,/que ele a todos nos dá como clemente,/senão que sendo eu obediente,/só a ele obedeço finalmente,/para que saiba toda a gente humana/que sou piedosa e não tirana”.

<sup>5</sup> “E assim não foi lanço de atrevida o que foi obséquo de sojeita”.

que não temos certeza sobre a existência dos espetáculos, podemos, pelo menos, afirmar que estes textos são testemunhos da importância das práticas dramáticas nos colégios da Companhia de Jesus, da cuidada elaboração que um exercício textual comportava e da eventual preparação cénica, que serviam, então, como instrumentos para realizar a inscrição latina que ornava a fachada do Colégio de Faro: “instruir, divertindo”.

### Referências bibliográficas

- Biblioteca Pública de Évora, códice CXIII 1-13, ff. 258-287v.
- FRANÇA, L. (1952), *O método pedagógico dos Jesuítas. O Ratio Studiorum*, Livraria Editora Agir, Rio de Janeiro.
- KALEWSKA, A. (2007), “Os Autos Indianistas de José de Anchieta e a Iniciação do Teatro Luso-Brasileiro”, *Itinerarios – revista de estudios lingüísticos, literarios, históricos y antropológicos*, 6, Varsovia, pp. 178-179.
- MIRANDA, M. (1996), “Uma ‘paideia’ humanística: a importância dos estudos literários na pedagogia jesuítica do século XVI”, *Humanitas*, 48, Coimbra, pp. 223-256.
- MIRANDA, M. (2006), “Teatralidade e Linguagem Cénica no Teatro Jesuítico em Portugal (XVI)”, *Humanitas*, 58, Coimbra, pp. 391-410.
- PINTO DE CASTRO, A. (1991), “As cartas dos Jesuítas do Japão, documento de um encontro de culturas”, *Humanitas*, 43-44, Coimbra, pp. 173-183.